

O estudo da política na universidade

(trechos selecionados)

Michael Oakeshott

trad. José Reinaldo de Lima Lopes©

“A educação escolar, portanto, não é simplesmente uma educação precoce ou simples educação: tem um traço específico. Consiste em aprender a falar antes de se ter qualquer coisa significativa a dizer, e o que se ensina deve ser apto a ser aprendido sem ser necessariamente entendido, e de não ser danoso nem insensato quando aprendido dessa forma. Ou, pode-se dizer, o que se ensina pode ser aprendido sem consciência prévia de ignorância: não começamos a aprender a tabuada porque de repente nos pareceu que não sabemos quanto é nove vezes oito, nem as datas dos reis da Inglaterra porque não sabemos quando Eduardo I subiu ao trono. (...) Ainda, educação escolar não tem uma direção específica: ainda não se interessa por talentos e aptidões individuais, e se estes se revelarem (pode acontecer) o propósito da educação escolar não é deixá-los se tornarem dominantes.

Nossos dias de educação escolar, porém, são hoje um período mais longo do que costumavam ser. (...) O resultado é que a área de sobreposição confusa entre este nível de educação e os outros aumentou e o que pertence propriamente ao tempo da educação escolar foi infelizmente restringido a favor de uma espécie de ‘especialização’ que não pertence nem à educação vocacional, nem à educação universitária e que fica entre ambas, ou seja, uma ‘especialização’ em que a extensão do estudo é arbitrariamente restringida sem aumento de profundidade ou orientação específica. (...)

De certa perspectiva, uma civilização pode ser vista como uma coleção de habilidades que juntas possibilitam e definem uma maneira atual de se viver. Aprender uma dessas habilidades – a de um advogado, de um médico, de um contador, de um eletricitista, de um agricultor, de um mecânico ou de um comerciante – é tomar de empréstimo uma parcela do capital total e aprender a usá-lo de tal modo que renda juros – juros que, em princípio, podem ser gastos em consumo corrente ou reinvestidos para produzir melhorias naquela mesma habilidade. Cada uma dessas habilidades tem um conteúdo intelectual, e muitas têm mesmo um conteúdo físico. A pura destreza física (...) não é uma habilidade. (...) Por outro lado, uma habilidade com grande conteúdo intelectual exige um montante considerável de capital (cujo sinal é a quantidade de tempo exigida para aprendê-la) e é capaz de gerar grande volume de juros não consumidos.

A educação ‘vocacional’ é aquela em que essas habilidades se adquirem: e nessa espécie de educação uma civilização parece-se ingenuamente com as coisas conhecidas e com as habilidades praticadas, as quais estão implicadas na maneira atual de se viver.

(...) E aqui eu gostaria de introduzir uma diferença entre uma ‘língua’ (pelo que eu designo uma maneira de pensar) e uma ‘literatura’ ou um ‘texto’ (pelo que eu designo o que se diz vez ou outra em uma ‘língua’).

(...) Ora, na minha maneira de entender, uma educação universitária é algo totalmente diferente tanto de uma educação escolar quanto de uma educação 'vocacional'. Ela se diferencia tanto com relação ao que se ensina (e quanto ao critério de definição do que é adequado ensinar-se) quanto com relação a como se ensina; e enquanto é uma educação especializada (que não precisa necessariamente ser, mas que uma educação 'vocacional' tem de ser), o princípio de especialização é diferente daquele característico da educação 'vocacional'. (....) A educação universitária é diferente tanto da educação escolar quanto da educação 'vocacional' porque é uma educação em 'línguas' e não em 'literaturas', e porque se ocupa do uso e organização de línguas explicativas (ou modos de pensar) e não de línguas prescritivas. Embora uma criança em idade escolar possa ser uma leitora voraz e possa adquirir de certos livros um estoque de informações e de outros um conhecimento de si e de como comportar-se, na universidade ela será chamada a buscar algo diferente, talvez nesses mesmos livros. E ela chegara a compreender que alguns livros, cuja informação é desatualizada ou cujos preceitos (se houver) não sejam confiáveis – Gibbon ou Stubbs, Dicey, Bagehot, Clark-Maxwell, Adam Smith – e são, portanto, inservíveis para uma educação 'vocacional', têm, no entanto, algo adequado a oferecer a uma educação universitária.

(...) Primeiro, uma universidade é uma associação de pessoas, localizadas no espaço, comprometidas em manter e cuidar de todo o capital intelectual que compõe a civilização.

(...) Segundo, numa universidade esse capital intelectual surge não como um resultado acumulado, como uma doutrina com autoridade, como uma coleção confiável de informações, ou como a condição atual do conhecimento, mas como uma variedade de modos de pensar ou como direções da atividade intelectual, cada um deles falando com sua voz, ou em uma 'língua' própria, e relacionado com os outros de forma dialogal – ou seja, não como afirmação ou negação, mas como reconhecimento indireto e como acomodação.

(...) Terceiro, uma universidade é um lugar não apenas de aprendizado e pesquisa, mas de educação. E o que distingue a educação que ela oferece é, antes de mais nada, o caráter do próprio lugar. Estudar numa universidade não é a mesma coisa que estudar com um erudito particular, nem é fazer uma "grand tour" com um guia animado e bem informado. Isso seria uma educação, mas não uma educação universitária. (...) A educação universitária é aquela espécie de educação de que se pode gozar passando por um lugar onde as atividades que eu descrevi se desenrolam e se desenrolam da maneira como as descrevi.

(...) Finalmente, uma universidade é uma associação de pessoas comprometidas com o ensino formal. Nisso ela se distingue pelo compromisso dos professores. Como professores eles podem ser melhores ou piores do que quaisquer outros, mas são diferentes porque eles mesmos são aprendizes envolvidos no aprendizado de algo diferente daquilo que ensinam. Não são pessoas com um conjunto de conclusões (...); cada um deles é alguém engajado na atividade de explorar um modo específico de pensar com específicas conexões."

(Oakeshott, M. The study of politics in a university, in *Rationalism in politics and other essays* Indianapolis (IN): Liberty Fund, 1991) . Trad. J. R. L. Lopes.